



Cem por Cento
Nicolau Santos

nsantos@expresso.imprensa.pt

TER MUITAS PME PODE NÃO SER BOM

Um estudo "The incredible shrinking portuguese firm", de André Regateiro, tendo como coautores Lee G. Branstetter e Serguey Braguinsky, já aqui referido, traça pistas importantes na base das quais os decisores políticos deveriam atuar. Por ele se constata que em 1986 a dimensão média das empresas em Portugal, medida pelo número de trabalhadores, era de 17,72. Passadas quase quatro décadas, esse valor reduziu-se drasticamente para 8,89 trabalhadores, em termos médios, por empresa, uma quebra de 50%. Há assim cada vez mais pequenas empresas em Portugal e cada vez menos grandes empresas. Em 1986, as empresas com um a cinco trabalhadores representavam, 58% do tecido empresarial português. E as que tinham 31 ou mais trabalhadores atingiam 8,5% do total. Em 2009, constatava-se uma evolução surpreendente: aqueles números eram então de 74% e 4%, respetivamente. O autor do estudo salienta mesmo que não se encontra nada parecido na generalidade dos outros países desenvolvidos.

Quais são as consequências desta evolução? Primeiro, uma redução da produtividade geral da economia, porque as PME são, em geral, menos eficientes e competitivas, com menor competência e capacidade de gestão. Depois, uma PME não consegue, ao contrário de uma grande empresa, explorar mercados globais e beneficiar de economias de escala que lhe permita baixar significativamente os custos de produção. E as exportações ressentem-se, porque as pequenas empresas têm muito menos capacidade de chegar aos mercados externos.

Como aumentar então as exportações? Em primeiro lugar, seria importante que se replicasse aquilo que AICEP e Mota-Engil fizeram: criar um programa definindo PME capazes de acompanhar a construtora nos mercados externos para serem suas fornecedoras. É uma excelente maneira para as PME se habituarem a operar nos mercados externos.

Há também todo o interesse em fomentar a internacionalização das empresas portuguesas. Isso deve ser feito por incentivos fiscais, reduzindo o IRC para novas empresas exportadoras. O mesmo Estado deve incentivar, através de outras medidas fiscais, a fusão de empresas, visando o seu crescimento.

Como se viu, a existência de cada vez mais PME é um dos grandes problemas da economia portuguesa e uma das razões da sua fraca produtividade. O problema está agora claramente identificado. Resolvê-lo passou a ser crucial.